



DE MORGAN AO VOLEIBOL MODERNO: O SUCESSO DO BRASIL E A RELEVÂNCIA DO LEVANTADOR*

Cristino Julio Alves da Silva Matias
Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil

Pablo Juan Greco
Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil

Resumo: O voleibol é um esporte olímpico com presença em todos os continentes. É uma modalidade esportiva de orgulho da nação brasileira, uma vez que o país obtém regularmente vitórias significativas no cenário internacional. Este artigo apresenta uma revisão de literatura, desde William Morgan ao voleibol moderno, além de retratar aspectos táticos. Especificamente são abordados: o nascer do voleibol, a jornada de sucesso do voleibol brasileiro, as modificações nas regras desde a criação da modalidade, os sinais relevantes para a tomada de decisão nos respectivos fundamentos de jogo e o levantador como o núcleo do sistema ofensivo.

Palavras-chave: voleibol; Brasil; levantador.

O SAQUE INICIAL DO VOLEIBOL

Os primeiros saques do voleibol foram dados pelo professor William Morgan, da YMCA¹ (Young Men's Christian Association – no Brasil: ACM – Associação Cristã de Moços) em Massachusetts nos Estados Unidos. Em 1895, o professor William Morgan criou um jogo chamado de *Mintonette*. Nele havia a combinação de elementos do basketball, do tênis e do handebol americano (similar ao squash, em vez da raquete, rebatem-se as bolas com as mãos). O jogo tinha o objetivo de ser praticado pelos frequentadores da instituição, na faixa etária entre 40-50 anos de idade (WESTPHAL, 1990). Três anos antes havia sido criado, na mesma instituição, o basketball. Por causa do contato físico, as pessoas (“homens de negócio”) o achavam um tanto violento (WESTPHAL, 1990; PAUL, 1996; VALPORTO, 2007). Então, a pedido do pastor Lawrence Rinder, o professor

* Apoio: CNPq; Capes.

¹ YMCA: uma mudança radical nos hábitos e costumes de uma geração, acostumada à tranquilidade do campo e tendo que migrar para a cidade grande, para jornadas de trabalho diárias de até 14 horas com o surgimento da Revolução Industrial (1750-1850), foi a inspiração de George Williams para a criação da YMCA, na Inglaterra (6 jun. 1844). A instituição surgiu marcada pela leitura de textos bíblicos. O objetivo era proporcionar aos jovens, que se aglomeravam nas cidades em busca do trabalho, atividades saudáveis e motivadoras. A YMCA se expandiu rapidamente. Apesar da origem inglesa, foi nos Estados Unidos que ela mais cresceu, com a união da prática esportiva ao objetivo inicial do seu fundador: o cultivo das virtudes do caráter e do espírito, da disciplina do corpo e, especialmente, do lado comunitário e humano. No Brasil, a primeira ACM instalou-se na então capital do país, Rio de Janeiro, em 1893, e desde então se encontra em diversas cidades do território brasileiro. Na YMCA, nasceram o basketball, o voleibol e, na unidade do Uruguai, o futsal, que foi divulgado inicialmente pelas unidades de São Paulo e Rio de Janeiro (década de 1940). A YMCA continua sendo uma instituição de cunho esportivo-educacional ativa mundialmente e atende em terras brasileiras, nos dias de hoje, mais de 1.800 mil indivíduos, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, famílias, comunidades, pessoas portadoras de deficiência, necessidades especiais e altas habilidades (HIDAKA; SEGUI, 2006).

William Morgan criou um novo jogo, assim nascia o voleibol (WESTPHAL, 1990; GUILHERME, 2001). A primeira apresentação pública do voleibol foi feita em uma conferência de esportes da YMCA em 1895. A primeira publicação em 1896, no *Jornal Springfield* (PAUL, 1996), o descrevia assim (GUILHERME, 2001, p. 10): “[...] o voleibol é um novo jogo, exatamente apropriado para ginásio ou quadra coberta, mas pode também ser praticado ao ar livre. Qualquer número de pessoas pode praticá-lo. O jogo consiste em conservar uma bola em movimento sobre uma rede alta, de um lado para outro, e apresenta, assim, as características dos outros jogos, como o tênis”.

Em uma reunião realizada em 1896, com os diretores de Educação Física da YMCA, William Morgan apresentou uma partida de seu jogo e o professor Alfred Halstead sugeriu a mudança de nome, inspirado pelo voo da bola de um lado para o outro da rede (do francês *volée*, voo, e de *ball*, bola) (WESTPHAL, 1990; VALPORTO, 2007). Em 1896, o voleibol foi incluído em todas as YMCA dos Estados Unidos. Em 1919, era praticado por um milhão de pessoas, e, em 1950, por cinco milhões de pessoas. Em 1960, era o esporte mais popular em 25 países, e, no ano de 1964, integrou-se aos Jogos Olímpicos realizados em Tóquio (WESTPHAL, 1990).

A expansão do voleibol, para além das fronteiras dos Estados Unidos, foi decorrente da implantação das unidades da YMCA em outros continentes e pela prática desse esporte pelos soldados americanos durante a Primeira Guerra Mundial (BAACKE, 1978; WESTPHAL, 1990). O voleibol, durante a Primeira Guerra Mundial, foi um jogo adequado às condições vividas pelos soldados. Isso, graças à fácil adaptação da sua prática em qualquer terreno, à simplicidade para o improvisado de uma rede e à necessidade de nada além da bola. Após a guerra, muitos países, como Tchecoslováquia, Polônia, União Soviética, França e Bulgária, adotaram o voleibol definitivamente em seus clubes e escolas (WESTPHAL, 1990; GUILHERME, 2001). Em 1995, foram comemorados os primeiros 100 anos da criação da modalidade, um Jogo Esportivo Coletivo familiar às pessoas e com 800 milhões de praticantes em todo mundo no ano do seu centenário (PAUL, 1996; VALPORTO, 2007).

Já no Brasil, o primeiro registro documental de uma competição de voleibol é de 1911, na cidade de Recife, organizada pela ACM (VALPORTO, 2007). No nascer das cortadas do voleibol brasileiro, que enfrentou as mais difíceis situações, os treinadores (abnegados) Adolfo Guilherme, Silvio Raso, Sami Mehlinisky, Hélcio Nunan Macedo, dentre outros, construíram as primeiras manchetes de sucesso (a partir de 1940) desse Jogo Esportivo Coletivo, por meio das vitórias com as Seleções Brasileiras Masculinas e Femininas. Em 1958, ficou claro que o Brasil não tinha de fato adversário na América do Sul. O Brasil ressentia de um maior intercâmbio com as principais potências desse esporte: seleções europeias, asiáticas e da América do Norte (VALPORTO, 2007). Em decorrência dessa falta de intercâmbio, o Brasil disputou uma competição mundial sem conhecer a técnica da manchete, isso no Campeonato Mundial Adulto Masculino de 1964 (RIZOLA, 2003; RIZOLA et al., 2006). Posteriormente, o técnico da equipe brasileira, o professor Célio Cordeiro, afirmava ser infrutífero jogar contra as equipes da América do Sul: “Não aprendemos nada – basta verificar o resultado do último Sul-Americano, onde fomos campeões sem perder um set. O Voleibol Brasileiro já se encontra entre os oito ou nove melhores do mundo, levando-se em conta serem 96 as nações filiadas a Federação Internacional de Voleibol” (FIVB) (VÔLEI PRECISA DE INTERCÂMBIO, 1973).

A JORNADA DE SUCESSO DO VOLEIBOL BRASILEIRO

A estrutura amadora do voleibol brasileiro começou a se modificar gradualmente a partir de 1974, com a eleição de Carlos Artur Nuzman para a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (semiprofissionalizou-se de meados da década de 1970 até meados dos anos 1980; a partir do fim dos anos 1980, ocorreu a profissionalização). Contribuiu para o desenvolvimento do voleibol no Brasil o trabalho de diversos dirigentes, treinadores e outros profissionais do esporte. As empresas privadas também colaboraram ao apoiar os clubes ou na construção de suas próprias equipes. Acrescenta-se a isso o apoio dado às Seleções Brasileiras.

Já os meios de telecomunicação divulgaram os clubes e as Seleções Brasileiras em suas competições, de modo mais abrangente, especialmente a televisão, com transmissões de partidas ao vivo. Assim, foi dado o toque inicial numa viagem que culminou em conquistas nacionais (estruturação de cursos de capacitação e de campeonatos nacionais) e em uma jornada de estrelas (atletas) que levantaram o voleibol brasileiro, com vitórias e títulos internacionais: Jogos Olímpicos, Mundiais, Copas do Mundo, Ligas Mundiais. Tais triunfos se deram no Masculino Adulto, no Feminino Adulto e nas Seleções Brasileiras de Base, jogadores com idade entre 16 e 20 anos (BRUNORO, 1987; LERBACH; LIMA, 1998; BIZZOCCHI, 2000; QUEIROGA, 2007; VALPORTO, 2007; VLASTUIN; ALMEIDA; JÚNIOR, 2008). Queiroga (2007, p. 15) ressalta que: “Por fim, a melhoria das condições de treino e jogo, os resultados desportivos, o profissionalismo e a formação de uma Escola Brasileira de Voleibol tem feito do Brasil um país em Excelência neste desporto”.

No intuito da manutenção do sucesso e do orgulho do voleibol no Brasil, o segundo esporte na preferência popular no país, a Confederação Brasileira de Voleibol construiu, em 2003, o Centro de Desenvolvimento do Voleibol Brasileiro, em Saquarema – Rio de Janeiro, para erguer uma verdadeira “fábrica de craques”. Esse Centro visa aperfeiçoar os atletas das categorias de base e os próprios treinamentos das Seleções Adultas. Os jovens direcionados a Saquarema possuem um potencial para a modalidade e são encontrados por treinadores locais e/ou das seleções brasileiras em diversas regiões do território nacional. A “fábrica” de atletas de alto nível proporciona o surgimento de “peças de reposição”. Busca-se garantir a continuidade da *performance* das equipes nacionais, no mesmo padrão de qualidade desenvolvido pelas gerações passadas e, conseqüentemente, preservar as Seleções Brasileiras no topo do *ranking* internacional (LERBACH; LIMA, 1998; VALPORTO, 2007). O Centro oferece condições ideais de treino para as Seleções Brasileiras, com equipamentos específicos e inovadores, ginásios de qualidade internacional, hospedagem, auditório, salas de estudo dos treinos e dos jogos ao lado dos ginásios, sendo, assim, um dos melhores centros de treinamento do mundo (VALPORTO, 2007).

UMA VIAGEM ÀS MODIFICAÇÕES DE 1895 AOS DIAS ATUAIS

Da criação do voleibol em 1895 até os dias atuais, a modalidade passou por diversas modificações em consequência, sobretudo, da padronização das regras a partir da fundação da Federação Internacional de Voleibol (FIVB), em 1947, e pelas elaborações de projetos e testes para mudanças nas regras. Essas modificações alteram a estrutura do esporte, com o objetivo de se ter um jogo com maior equilíbrio entre defesa e ataque, e mais moderno, para ser veiculado nos meios de telecomunicações (SILVA; GALDINO, 2003; YIANNIS et al., 2004). As modificações têm atraído um maior número de expectadores interessados no esporte e com maior compreensão do jogo (RIZOLA, 2003; YIANNIS et al., 2004). No Quadro I, observam-se, ao longo da história, algumas das mudanças nas regras do jogo.

Quadro I

Mudanças das regras ao longo da história do voleibol

	ANO	
QUADRA	1895	• 15 metros (m) x 7,5m de comprimento e largura;
	1912	• 18,3m x 10,7m;
	1921	• criação da linha central;
	1923	• 18,3m x 9,1m; exceção: Japão - 21m x 11m;
	1947	• 18m x 9m;

(continua)

Quadro I

Mudanças das regras ao longo da história do voleibol (continuação)

	ANO	
REDE	1895	• 1,98m de altura;
	1900	• 2,13m de altura;
	1912	• 2,28m de altura;
	1917	• 2,43m de altura;
	1937	União Soviética: • 2,45m para homens de altura; • 2,25m para mulheres de altura;
	1955	• 2,43m para homens de altura; • 2,24m para mulheres de altura;
	1968	• o uso de duas antenas na rede para delimitação do espaço aéreo, um espaço de 9,40m entre elas;
	1976	• a distância entre as antenas passou a ser de 9m;
NÚMERO DE JOGADORES	1895	• cinco contra cinco ou • os dois times combinavam previamente o número de jogadores;
	1918	• seis contra seis; • exceção a Ásia, que iniciou com 16 contra 16, depois 12 contra 12 e em 1927 nove contra nove;
	1959	• quatro substituições por set;
	1963	• seis substituições por set;
	1998	• criação da posição de líbero;
	2009	• para as partidas de competições mundiais e oficiais adultas da FIVB, uma equipe pode conter um máximo de quatorze jogadores (um máximo de doze jogadores regulares e dois jogadores líberos). Trocas envolvendo o líbero não são contadas como regulares (elas são ilimitadas).
PONTUAÇÃO	1895	• executava o saque o time que obteve o ponto e não existia rotação;
	1900	• 21 pontos;
	1912	• fixa-se a disputa em 2 sets por partida; • criação do sistema de rotação;
	1918	• 15 pontos;
	1923	• dois pontos de diferença entre o time vencedor e o perdedor em cada set;
	1948	• obtenção do ponto é por parte da equipe que se encontra na vantagem (está na execução) do saque;
	1988	• a pontuação de cada set fica limitada a um máximo de 17 pontos. O quinto set passou a ser disputado através do <i>Rally Point System</i> , onde toda jogada tem o valor de um ponto;
	1992	• com o set empatado em 16-16, o jogo continuava até uma equipe obter dois pontos de diferença;
	2000	• implantação do <i>Rally Point System</i> nos quatro primeiros sets, com término no vigésimo quinto ponto, com a diferença mínima de dois pontos entre o time vencedor e o perdedor. Já o quinto com término no décimo quinto ponto, com a mesma diferença entre a equipe vencedora e perdedora;

(continua)

Quadro I**Mudanças das regras ao longo da história do voleibol** (continuação)

	ANO	
TÉCNICO	1986	• permitido aos técnicos instruírem suas equipes no banco durante o transcorrer do jogo;
	1998	• os técnicos estão autorizados a se movimentarem entre a linha de ataque e o fundo da quadra e assim se comunicarem com os jogadores ao lado da quadra;
	2009	• na ausência do técnico o capitão pode solicitar tempo e substituição;
AÇÕES DE JOGO	1895	• no saque o jogador tem direito a duas tentativas, pode contar com o auxílio (toque) de outro jogador para fazer a bola passar para o outro lado; • é permitido o “drible” (tocar duas vezes na bola consecutivas na bola com o objetivo de fintar o adversário) junto à rede;
	1902	• é eliminado o “drible”;
	1916	• proibição dos jogadores de tocarem a bola duas vezes consecutivas;
	1918	• não é permitido auxílio de outro jogador para que o saque passe a rede; • não se pode tocar a bola na quadra adversária, por sobre a rede; • o saque não pode tocar na rede; • o saque pode ser realizado nos <i>cantos</i> da linha de fundo;
	1920	• o saque deve ser dado do lado direito da quadra;
	1922	• o número máximo de toques na bola por equipe foi limitado a três;
	1938	• aparecimento do bloqueio, permitido ao bloqueador um só contato com a bola; • permitido dois bloqueadores em cada ataque executado pelo adversário;
	1946	• permitido três bloqueadores;
	1948	• a área de saque se estende por todo os três metros da linha de fundo;
	1949	• permitida a penetração (infiltração) de um jogador na zona de passe/defesa na zona de ataque;
	1959	• proibido durante o saque a execução da “cortina” por parte dos bloqueadores, sendo “cortina” o ato de levantar propositadamente os braços no bloqueio e prejudicar a visão dos jogadores adversários que irão receber o saque;
	1964	• é permitido ao bloqueio a invasão da quadra adversária e a recuperação da bola bloqueada num segundo toque;
	1976	• o toque no bloqueio não é considerado como o primeiro dos 3 toques permitidos;
	1984	• proibição de bloquear a bola proveniente do saque adversário; • no quinto set passa a ter que existir uma diferença de dois pontos entre as equipes;
	1992	• o jogador passa a ter cinco segundos para sacar na primeira tentativa e três segundos na segunda tentativa;
	1994	• a bola pode ser tocada com qualquer parte do corpo (inclusive os pés); • a zona de saque se estende por todo os nove metros da linha de fundo; • eliminação dos dois toques na primeira bola vinda da quadra adversária; • é permitido encostar involuntariamente na rede quando o jogador em questão não estiver envolvido na ação de jogo;

(continua)

Quadro I

Mudanças das regras ao longo da história do voleibol (conclusão)

	ANO	
AÇÕES DE JOGO	1996	<ul style="list-style-type: none"> • uma bola que tenha ido para a zona livre adversária por fora da delimitação do espaço aéreo poderá ser recuperada;
	1998	<ul style="list-style-type: none"> • apenas uma chance para se efetivar o saque com duração de oito segundos para a execução;
	2000	<ul style="list-style-type: none"> • na execução do saque a bola pode tocar na rede;
	2008	<ul style="list-style-type: none"> • só será marcado que o jogador tocou na rede, quando ele tocar no bordo superior ou na antena na parte de cima do bordo superior da rede. Os atletas poderão tocar na malha da rede desde que ele não se apóie na rede para realizar o movimento. Também em situações em que a sua ação não seja uma vantagem para a sua equipe ou não interfira no jogo do adversário; • permitido invadir a quadra adversária com qualquer parte do corpo, desde que uma parte dos pés do jogador esteja sobre a linha central ou dentro da quadra de sua equipe. Não será permitida a invasão caso haja contato direto com o adversário por baixo da rede.
	2009	<ul style="list-style-type: none"> • toque apoiado: dentro da área de jogo não é permitido a um jogador apoiar-se em um outro ou qualquer estrutura/objeto para golpear a bola. A regra anterior descrevia a proibição no momento de golpear a bola.

Fonte: Adaptado de Westphal (1990), Bizzocchi (2000) e Neto (2004).

Em 1998, por meio das modificações das regras, mais uma posição funcional de jogo foi criada: o líbero (JOÃO et al., 2007), incluído assim esse jogador especialista aos já existentes no voleibol: ponta, oposto (também denominado jogador de saída), central (também denominado jogador de meio) e levantador (MOREIRA, 2007).

OS FUNDAMENTOS E AS POSIÇÕES DE JOGO

Dentre os seis fundamentos do voleibol (saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa), o líbero é um jogador especialista na execução da recepção e defesa. O líbero surgiu para melhorar a eficácia² desses fundamentos, por meio da substituição de um dos seis jogadores em quadra, especialmente os centrais (JOÃO et al., 2007; MATIAS et al., 2008c). O líbero atua no passe para os levantadores. Ele busca evitar que o adversário pontue por meio do saque ou ataque (VICENTE et al., 2006; MATIAS et al., 2008c). Os outros jogadores (dois ponta, um oposto, dois centrais e um levantador) executam os seis fundamentos de jogo. Não são limitados pela regra como o líbero, que é proibido de executar o saque, o ataque e o bloqueio. É permitido ao líbero atuar apenas em substituição a um dos jogadores que se encontram na zona de defesa³ (GUILHERME, 2001; MATIAS et al., 2008b).

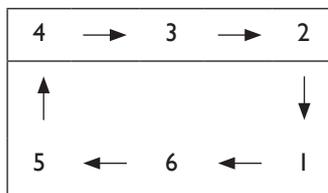
² Eficácia: resultado da ação de acordo com os propósitos dessa ação (MESQUITA; MAIA; MARQUES, 2001). Eficiência: habilidade executada de acordo com o padrão biomecânico (MESQUITA; MAIA; MARQUES, 2001).

³ A quadra de voleibol tem 18 m x 9 m, dividida ao meio pela linha central e pela rede. Cada equipe ocupa uma metade da quadra (Figura 1), que é dividida desigualmente em zona de ataque (região da quadra entre a linha central e a chamada de “linha de três metros”: linha distante paralelamente três metros da linha central) e zona de defesa (região entre a linha dos três e a linha de fundo). Em cada zona são dispostos obrigatoriamente três atletas. É comum dizer que o atleta está “na rede” ao se localizar na zona de ataque. Estar “no fundo” significa que a localização é a zona de defesa. Há uma obrigatoriedade de posicionamento dos jogadores, as áreas (posições) são numeradas de um a seis. O atleta que está na rede não pode se posicionar atrás do seu correspon-

A especialidade primordial do jogador de ponta é a recepção/defesa e o ataque de bolas em diferentes velocidades. O oposto é o ataque (é um jogador decisivo nos ataques no fundo da quadra). O central é o bloqueio do ataque adversário. O levantador, como sugere o próprio nome da posição de jogo, é o levantamento (MOREIRA, 2007). No Quadro 2, podem-se verificar os sinais a serem percebidos em cada um dos seis fundamentos, para que o jogador possa tomar sua decisão de acordo com os sinais relevantes, em concomitância com a situação (SERENINI; FREIRE; NOCE, 1998).

Figura 1

Posições da quadra e sentido do rodízio no voleibol.



Quadro 2

Elementos a serem observados em cada um dos fundamentos do voleibol.

	O QUE PERCEBER	TOMADA DE DECISÃO
SAQUE	<ul style="list-style-type: none"> • armação de recepção do adversário; • posição do levantador; • espaços vazios; • jogadores de pior e melhor recepção; • jogadores que participam da recepção e do ataque; • placar; 	<ul style="list-style-type: none"> • tipo de saque (inclui o local do saque); • variações: <ol style="list-style-type: none"> 1. velocidade (rápido - lento); 2. altura (baixo - alto); 3. distância (curto - longo); 4. direção (paralela - diagonal); 5. posição onde sacar na quadra adversária;
RECEPÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • posição do sacador (direção do deslocamento); • características do sacador; • posição do levantador (da própria equipe/local de direcionamento do passe); • jogada marcada pelo levantador (tipo de passe e cobertura de ataque); • tipo de saque executado (altura, distância, velocidade e direção); 	<ul style="list-style-type: none"> • deslocamento (distância a percorrer, tipo exigido); • técnica utilizada (passe por cima, por baixo, com queda etc.);
LEVANTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> • bloqueadores (posição, altura, características, eficácia); • atacantes (quais os disponíveis e características); • placar; • tipo de recepção efetuada (altura, velocidade e distância da rede); • atacantes (se estão no tempo e posição corretos). 	<ul style="list-style-type: none"> • qual tipo de levantamento executar (velocidade, altura, segunda bola); • combinar a movimentação dos atacantes; • qual atacante acionar;

(continua)

dente do fundo (1 e 2, 6 e 3, 5 e 4). Também não podem ocorrer trocas laterais de posições. Trocas são liberadas após o saque: podem ocorrer trocas de posição (de áreas) livremente, sendo apenas proibido aos jogadores que estão na zona de defesa executar o bloqueio ou o ataque dentro da zona de ataque. A equipe ao receber o saque e ganhar o ponto deve executar o rodízio, uma simples rotação no sentido horário: o atleta que estava na 1 passa para a 6, da 6 para 5, da 5 para 4, da 4 para 3, da 3 para 2 e da 2 para 1 (UGRINOWITSCH; UEHARA, 2006).

Quadro 2

Elementos a serem observados em cada um dos fundamentos do voleibol. (conclusão)

	O QUE PERCEBER	TOMADA DE DECISÃO
ATAQUE	<ul style="list-style-type: none"> • bloqueadores a enfrentar (posição, altura e característica); • posição de defesa adversária (colocação, espaços vazios, características dos defensores); • tipo de recepção efetuada (trajetória, velocidade e direção da bola); • tipo de levantamento efetuado (marcação do levantador); • número e posicionamento de bloqueadores; 	<ul style="list-style-type: none"> • tipo de ataque a realizar (largar, explorar, dirigido ou explosão); • direção (paralela, diagonal longa, diagonal curta); • se não acionado, quando e como efetuar a cobertura;
BLOQUEIO	<ul style="list-style-type: none"> • características dos atacantes (altura, estilo, tendência e direção); • se existe a possibilidade de ataque de fundo; • característica e tendência do levantador na distribuição; • posição do levantador; • movimentação dos atacantes (velocidade e direção); • tipo de levantamento efetuado; 	<ul style="list-style-type: none"> • bloquear e defender; • momento do salto; • tipo de bloqueio (ofensivo e defensivo); • direção a bloquear (marcar a bola, marcar a região: paralela ou diagonal);
DEFESA	<ul style="list-style-type: none"> • posição do levantador adversário; • quantos e quais são os atacantes (características, tendência do ataque); • características, altura e posição (que vai bloquear) de cada bloqueador; • tipo de passe (próximo ou distante da rede); • quais os atacantes podem ser acionados; • tipo de levantamento a ser efetuado e para qual atacante; • tipo de ataque executado (largada, meia força, com potência); 	<ul style="list-style-type: none"> • se o ataque está dentro ou fora; • tocou ou não tocou no bloqueio; • utilizar deslocamentos? • tipo de defesa a utilizar (alta, baixa, peixinho ou rolamento).

Fonte: Adaptado de Carvalho (1988) e Serenini, Freira e Noce (1998).

O CÉREBRO DA EQUIPE DE VOLEIBOL: O LEVANTADOR

Entre as posições de jogo no voleibol, o levantador assume uma função central no desenvolvimento tático do jogo e, por isso, é considerado o “cérebro” da equipe (RESENDE, 1995; PEREIRA; TAVARES, 2003; MOUTINHO; MARQUES; MAIA, 2003; PALAO; SANTOS; UREÑA, 2004, 2005; MATIAS; GRECO, 2010; QUEIROGA et al., 2010). O levantador, entre todos os jogadores de uma equipe, é o que tem de processar uma maior quantidade e variedade de informação, além de tomar as mais críticas decisões ofensivas (MESQUITA; GRAÇA, 2002a, 2002b).

Com a própria evolução da modalidade, o levantador passou a possuir outro significado para o jogo; já não basta simplesmente erguer uma bola alta para o atacante, hoje o levantador deve organizar todo o sistema de ataque: decidir em utilizar dois, três ou quatro atacantes, determinar o percurso da movimentação desses jogadores, a velocidade do deslocamento de cada um desses atacantes e observar o posicionamento

do bloqueio adversário (RIZOLA, 2003; QUEIROGA, 2005; MATIAS, 2009). O levantador pode ser denominado distribuidor, pois deve determinar toda movimentação ofensiva da sua equipe, otimizar a qualidade do primeiro toque e optar por um dos jogadores da sua equipe para ser o responsável pela execução do ataque (MESQUITA; GRAÇA, 2002a, 2002b; MOUTINHO; MARQUES; MAIA, 2003; QUEIROGA, 2005; MATIAS, 2009; MATIAS; GRECO, 2009a, 2009b).

A decisão do levantador inicia-se no saque ou logo após o término de uma jogada ofensiva adversária. Nesses momentos, predetermina-se o deslocamento de cada um dos atacantes. O levantador busca construir cenários com desequilíbrio na composição do bloqueio adversário; por exemplo, bloqueios simples ou bloqueio em que o central não consegue uma posição equilibrada ao tentar efetuar a composição com o bloqueio base. Contudo, em certos cenários, o levantador prefere atuar com o atacante de sua confiança, mesmo que ele tenha de se confrontar com bloqueios favoráveis ao sistema defensivo adversário. Ao decidir por um dos atacantes, constata o produto final da sua ação, uma decisão entre as opções predeterminadas ou modificadas em consequência da qualidade da recepção e/ou defesa. Verifica-se com a execução do ataque o efeito da sua decisão (QUEIROGA, 2005; MATIAS, 2009).

O levantador, por ter sempre de construir inúmeras movimentações de ataque e determinar um único atacante para receber o produto da sua ação (o levantamento), pensa prioritariamente de modo divergente. Em sua distribuição de jogo não existe a opção correta e errada na sua tomada de decisão, já que opera com múltiplas opções: opção 100% correta (atacante sem bloqueio) até a opção menos correta (atacante com bloqueio duplo de alta estatura). Assim sendo, o seu pensamento é divergente. Já os atacantes pensam especialmente de modo convergente, pois processam as opções de forma dicotômica, com alternativas entre correta e errada: bater ou largar (PAULA, 2000; GRECO, 2009; MATIAS, 2009; MATIAS; GRECO, 2009b).

A responsabilidade por idealizar e executar as ações de jogo de uma equipe de voleibol recai sobre o levantador; logo, há traços de similaridade dele com o armador de basketball e com o armador de futebol. Isso porque todos são responsáveis pela dinâmica de jogo de suas equipes, mediante o pensamento divergente (RESENDE, 1995; PAULA, 2000).

Na história mundial do voleibol, o Brasil tem páginas escritas por alguns dos melhores levantadores de todos os tempos: William Carvalho, Mauricio Lima, Ricardo Garcia (Ricardinho), Hélia de Souza (Fofão) e Fernanda Venturini (RESENDE, 1995; VALPORTO, 2007). Os jovens levantadores brasileiros, em competições mundiais Infante e Juvenil⁴, também recebem prêmios pela sua eficácia ao término dessas competições, sendo intitulados como os melhores do mundo na respectiva faixa etária (QUEIROGA, 2005).

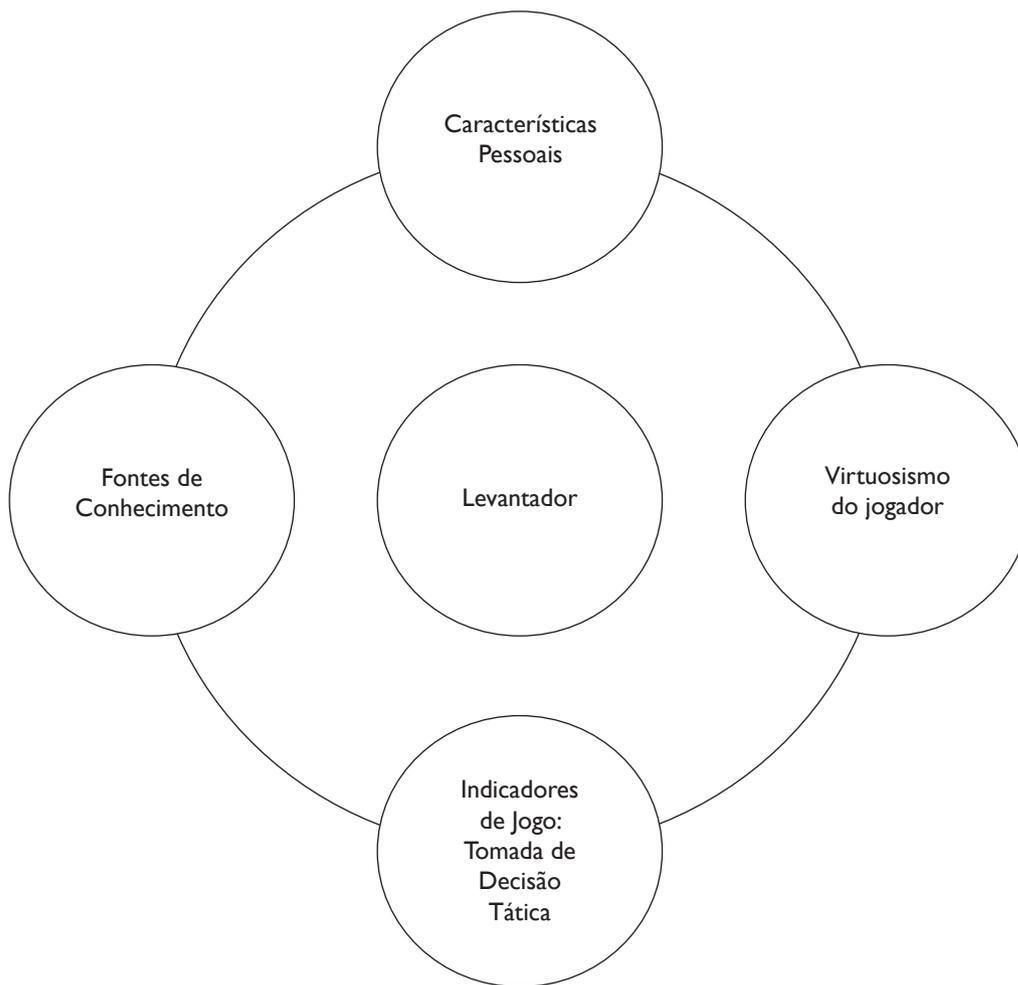
Na definição de um levantador ideal, os técnicos das Seleções Brasileiras atribuíram as seguintes qualidades a esse jogador (MATIAS; SILVA; GRECO, 2005): ser preciso, ter o mesmo gesto, independentemente do local da quadra em que se encontra para executar a sua ação; efetuar o levantamento em suspensão (saltar) para dar velocidade ao ataque; ser criativo; raciocinar constantemente em relação ao bloqueio; não deixar que as próprias emoções interfiram em suas ações; ser um líder da equipe, buscar o rendimento máximo dos companheiros de equipe; avaliar com o técnico o padrão de jogo ideal e reavaliar dentro do próprio jogo o padrão ideal; conhecer antecipadamente o adversário; ter uma altura igual ou superior à dos atacantes, para contribuir com a defesa da sua equipe por meio de um bloqueio de elevado alcance. Foram detectadas diferenças no perfil do levantador ideal por escalão. No infante, o levantador deve ser preciso; no juvenil, deve variar o jogo; e já no adulto, deve ser imprevisível. A precisão é fundamental em todos os escalões, especialmente no contra-ataque, pois nesse instante de jogo o levantador não possui constantemente a bola em

⁴ Definição de faixa etária dos Campeonatos Mundiais nas categorias (ou escalões) Infante e Juvenil promovidos pela Federação Internacional de Voleibol: Infante Masculino idade ≤ 18 anos; Infante Feminino idade ≤ 17 anos; Juvenil Masculino idade ≤ 20 anos; Juvenil Feminino idade ≤ 19 anos (LERBACH; LIMA, 1998).

condições ideais (local, altura e velocidade) para executar a sua ação de jogo. Tais colocações corroboram com diferentes trabalhos: Resende (1995); Kröger (1990); Paolini (2001); Rizola (2003); Clemens (2005); Queiroga (2005); Queiroga et al. (2005); Matias et al. (2006); Paulo et al. (2007); Matias et al. (2008a, 2008c); e Matias (2009).

Figura 2

Dimensões do conhecimento tático do levantador de alto nível.



Fonte: Adaptado de Mesquita e Graça (2002a, 2002b), Queiroga (2005) e Matias (2009).

O estudo de Queiroga (2005) e o de Matias (2009) descrevem que o levantador relaciona a excelência da sua função a quatro dimensões que se interagem (Figura 2): “Características pessoais”, “Virtuosismo do jogador”, “Fontes de conhecimento” e “Indicadores de jogo para a tomada de decisão tática”. As quatro dimensões são compostas pelas categorias apresentadas no Quadro 3. Tais estudos permitem dizer que existe semelhança entre os levantadores no processo de distribuição de jogo. Esses estudos possuem semelhanças de resultados com o de Mesquita e Graça (2002a, 2002b), efetuado com um levantador português de destaque internacional, pois há pontos de concordância relativos à dimensão das “Características pessoais”, ao “Virtuosismo do jogador” e às “Fontes de conhecimento”. O estudo de Queiroga (2005) foi efetuado com levantadores das Seleções Brasileiras de Voleibol (Infante, Juvenil e Adulto – masculino e feminino). Já o de Matias (2009) teve como sujeitos os levantadores campeões de Minas Gerais e São Paulo (Mirim ao Juvenil – masculino e feminino) e os campeões da Superliga (masculino e feminino).

Quadro 3**Dimensões do conhecimento tático do levantador de alto nível.**

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS	VIRTUOSISMO DO JOGADOR
<ul style="list-style-type: none"> • Liderança • Gestor da equipe • Psicólogo da equipe • Racionalidade • Confiança • Intuição • Cobrança 	<ul style="list-style-type: none"> • Estrategista • Gestor de riscos • Contracomunicador • Plasticidade técnica • Visão de jogo • Velocidade
FONTES DE CONHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Treino • Observação de jogo • Observação de levantadores mais experientes • Diálogo com o treinador • Experiência refletida • Leitura*** 	
INDICADORES DE JOGO PARA A TOMADA DE DECISÃO TÁTICA	
<p><i>Características das equipes</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Características técnicas e táticas dos nossos atacantes • Melhor atacante e o momento do jogo • Características psicológicas dos nossos atacantes • Número de atacantes*** • Características do saque adversário*** • Características técnicas e táticas dos nossos passadores*** • Qualidade do primeiro toque • Bloqueio adversário <p><i>Fluxo de jogo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudar para prevenir a adaptação do adversário • Jogar em relação ao bloqueio adversário • Adaptar a técnica de levantamento e a direção do movimento • Treinador*** • Situações imprevistas 	

***Categorias de Matias (2009) inseridas nos estudos de Mesquita e Graça (2002a, 2002b), Queiroga (2005) e Queiroga et al. (2010).

Fonte: Mesquita e Graça (2002a, 2002b), Queiroga (2005) e Matias (2009).

O estudo de Matias (2009) propiciou a confirmação de todas as dimensões citadas anteriormente. Além disso, emergiu na dimensão “Fonte de conhecimento” a categoria “Leitura”, e na dimensão “Indicadores de jogo para tomada de decisão tática” as categorias “Número de atacantes”, “Características do saque adversário”, “Características técnicas e táticas dos nossos passadores e treinador”.

Em suma, entre as funções de especialização dos jogadores, o levantador é considerado por especialistas um jogador fundamental na constituição e na estruturação de rendimento de uma equipe. Esse jogador assu-

me uma função central no desenvolvimento do jogo e, por consequência, na eficácia da própria equipe (MESQUITA; GRAÇA, 2002a, 2002b; MOUTINHO; MARQUES; MAIA, 2003; QUEIROGA, 2005; MATIAS, 2009). Dessa forma, o conhecimento tático surge como um aspecto relevante, pois ele vai permitir a escolha da resposta adequada em razão da “leitura” dos sinais do contexto de jogo (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000; PAULA, 2000a; MATIAS; GRECO, 2009b). Os levantadores brasileiros demonstram um grau de qualidade superior em suas específicas ações de jogo em relação a outros de competições internacionais (RAMOS et al., 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O voleibol é um esporte com inúmeros adeptos no mundo, com praticantes em diversas faixas etárias e níveis de rendimento. Tal esporte integra a cultura desportiva brasileira. Há um interesse renovado dos jovens pela modalidade e uma cobertura da mídia esportiva acerca do trabalho desenvolvido pelas equipes de alto nível, sobretudo pelas seleções nacionais. As grandes equipes e as seleções nacionais (masculinas e femininas) possuem atletas que estão no imaginário dos espectadores, praticantes e amantes da modalidade, em decorrência das conquistas e de situações de pressão solucionadas de modo inteligente e/ou criativo. Nesse sentido, o voleibol brasileiro sempre apresenta, no palco das competições internacionais, levantadores que se destacam de forma eficaz e original ao organizar ofensivamente a equipe (em concomitância com atletas de outras especializações). Por fim, há um interesse científico crescente sobre o voleibol nacional, referência mundial, nos mais diferentes aspectos inerentes às Ciências do Esporte.

SINCE MORGAN UNTIL THE MODERN VOLLEYBALL: THE SUCCESS OF BRAZIL AND THE RELEVANCE OF SETTERS

Abstract: Volleyball is an olympic sport played in all continents. It is a sport of Brazilian pride of the nation, since the country regularly gets significant victories in the international arena. This article presents a review of the literature since William Morgan until Modern Volleyball beyond to discuss the tactical aspects. Were discussed: the creation of volleyball, the journey successful Brazilian volleyball, the changes in the rules since the creation of the sport, the signals relevant to decision making in their game and the fundamentals of the setters as the core of the offensive system.

Keywords: volleyball; Brazil; setter.

REFERÊNCIAS

BAACKE, M. B. História e atual situação do volleyball. In: BAACKE, M. B.; MATSUDAIRA, Y.; TOYODA, H. (Ed.). **Manual do treinador da Confederação Brasileira de Voleibol**. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1978. p. 101-107.

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível**. São Paulo: Fazenda Arte Editorial, 2000. p. 17-50.

BRUNORO, J. C. Voleibol: a palavra é sua. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 1, n. 1, p. 49-52, 1987.

CARVALHO, E. R. **A importância do mecanismo perceptivo para o desempenho das destrezas motoras no voleibol**. 1988. 90 f. Monografia (Especialização em Voleibol)—Universidade Santa Maria, Santa Maria, 1988.

CLEMENS, T. Levantamento. In: SHONDELL, D.; REYNAUD, C. (Ed.). **A Bíblia do treinador de voleibol**. São Paulo: Artmed, 2005. p. 193-202.

GRECO, P. J. Tomada de decisão. In: SAMULSKI, M. D. (Ed.). **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2. ed. Barueri: Manole, 2009. p. 107-142.

GUILHERME, A. **À beira da quadra**. 4. ed. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube, 2001. 280 p.

HIDAKA, K. M.; SEGUI, C. A. Associação Cristã de Moços no Brasil – ACM. In: LAMARTINE, C. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006. p. 3-14.

JOÃO, P.V. et al. Análise comparativa entre o jogador líbero e os recebedores prioritários na organização ofensiva, a partir da recepção ao serviço, em voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 6, n. 3, p. 318-328. 2007.

KRÖGER, C. Development of the setter. In: ANDRESEN, R.; KRÖGER, C. (Ed.). **Volleyball – Training and tactics**. Ahrensburg bei Hamburg: Czwalina. 1990. p. 96-102.

LERBACH, M. A.; LIMA, W. O. **Formação das seleções básicas no voleibol brasileiro**. Brasília: Publicações Indesp, 1998. 55 p. (Série Ciências do Esporte).

MATIAS, C. J. A. S. **O conhecimento tático declarativo e a distribuição de jogo do levantador de voleibol: da formação ao alto nível**. 2009. 259 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MATIAS, C. J. A. S. et al. A qualidade do primeiro toque na tomada de decisão tática do levantador de voleibol. **Brazilian Journal of Physical Education and Sport**, v. 20, n. 5, p. 484-484, 2006.

_____. O levantador inteligente segundo técnicos *experts* de voleibol. **Anais do XII Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa**, v. 1, n. 1, p. 216-216, 2008a.

_____. A forma de atuação do líbero inteligente segundo técnicos da Superliga de Voleibol. **Anais do XII Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa**, v. 1, n. 1, p. 215-215, 2008b.

_____. Influência dos *Top Scores* no Campeonato Mundial e na Copa do Mundo de Voleibol. **Anais do XII Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa**, v. 1, n. 1, p. 26-26, 2008c.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, p. 1-16, 2009a.

_____. Desenvolvimento e validação do teste de conhecimento tático declarativo para o levantador de voleibol. **Arquivos em Movimento**, v. 5, n. 1, p. 61-80, 2009b.

_____. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 1, p. 252-271, 2010.

MATIAS, C. J. A. S.; SILVA, S. A.; GRECO, P. J. As qualidades atribuídas pelos técnicos das seleções brasileiras de voleibol na definição do levantador ideal. **The FIEP Bulletin**, v. 76, Special Edition, p. 127-127, 2005.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Conhecimento estratégico de um levantador de alto nível. **Revista Treino Esportivo**, v. 17, p. 15-20, mar. 2002a.

_____. Probing the strategic knowledge of an elite volleyball setter: a case study. **International Journal of Volleyball Research**, v. 5, n. 1, p. 13-17, 2002b.

MESQUITA, I.; MAIA, J.; MARQUES, A. A relação entre a eficiência e a eficácia no domínio das habilidades técnicas em voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 3, p. 33-39, 2001.

MOREIRA, A. P. **Degraus do voleibol**. Cuiabá: KCM, 2007. 304 p.

MOUTINHO, C.; MARQUES, A.; MAIA, J. Estudo da estrutura interna das acções da distribuição em equipas de voleibol de alto nível de rendimento. In: MESQUITA, I.; MOUTINHO, C.; FARIA, R. (Ed.). **Investigação em voleibol: estudos Ibéricos**. Porto: FCDEF-UP, 2003. p. 107-129.

NETO, S. C. S. A evolução das regras visando ao espetáculo no voleibol. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 10, n. 76, p. 1-4, 2004.

PALAO, J. M.; SANTOS, J. A.; UREÑA, A. Effect of the Setter's Position on the Block in Volleyball. **International Journal of Volleyball Research**, v. 6, n. 1, p. 29-32, 2004.

_____. The effect of the setter's position on the spike in volleyball. **Journal of Human Movement Studies**, v. 48, n. 1, p. 25-40, 2005.

PAOLINI, M. Palleggio. In: _____. (Ed.) **Il novo sistema de Pallavolo**. Via della Valtiera. Calzetti-Mariucci, 2001. p. 54-56.

PAUL, J. A lost sport: Clara Gregory Baer and Newcomb Ball. **Journal of Sport History**, v. 23, n. 2, p. 165-174, 1996.

PAULA, A. F. P. **Processo de validação de teste para avaliar a capacidade de decisão tática e o conhecimento declarativo no voleibol**: situações de ataque de rede. 2000. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física: Treinamento Esportivo)—Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000a.

PAULA, A. F. P.; GRECO, P. J.; SOUZA, C. R. P. Tática e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: SILAMI, G. E.; LEMOS, M. L. K. (Ed.). **Temas Atuais V – Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Healt, 2000. p. 11-28.

PAULO, J. V. et al. Attack organization in-system and off system by setter, in volleyball team of Castelo da Maia Ginasio. In: ANNUAL CONGRESS OF THE EUROPEAN COLLEGE OF SPORT SCIENCE, 12., 2007, Jyväskylä. p. 11-14. 2007.

PEREIRA, F.; TAVARES, F. A capacidade de decisão tática das distribuidoras de voleibol. In: MESQUITA, I.; MOUTINHO, C. A. S. S.; FARIA, R. (Ed.). **Investigação em voleibol: estudos ibéricos**. Porto: FCDEF-UP, 2003. p. 271-277.

QUEIROGA, M. A. **O conhecimento tático-estratégico do distribuidor de alto nível**: um estudo com os distribuidores das seleções brasileiras de voleibol feminino e masculino. 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento)—Universidade do Porto, Porto, 2005.

_____. Em busca da excelência. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 1, p. 15-15, 2007.

QUEIROGA, M. A. et al. A dimensão do conhecimento tático-estratégico do levantador de alto nível: um estudo realizado com levantadores da seleção brasileira de voleibol. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 13, n. 2, p. 111-119, 2005.

QUEIROGA, M. A. et al. O conhecimento tático-estratégico dos levantadores integrantes das seleções brasileiras de voleibol. **Fitness & Performance Journal**, v. 9, n. 1, p. 78-92, 2010.

- RAMOS, P. K. H. M. et al. A estrutura interna das ações de levantamento das equipes finalistas da superliga masculina de voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 33-37, 2004.
- RESENDE, B. Levantador, uma simples questão de personalidade. **Revista Vôlei Técnico**, v. 1, n. 3, p. 5-11, 1995.
- RIZOLA, A. N. **Uma proposta de preparação para equipes jovens de voleibol feminino**. 2003. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física: Ciência do Desporto)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- RIZOLA, A. N. et al. O treinamento da recepção para equipes jovens de voleibol. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 10, n. 95, p. 1-3, 2006.
- SERENINI, P. L. A.; FREIRE, B. A.; NOCE, F. Voleibol. In: GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 308 p. v. II.
- SILVA, M. A. S.; GALDINO, M. L. A transição defesa/contra-ataque no voleibol após a defesa do levantador na posição I. **Motriz**, v. 9, n. 1, p. 109-200, 2003.
- UGRINOWITSCH, C.; UEHARA, P. Modalidades esportivas coletivas: o voleibol. In: DE ROSE, J. D. (Ed.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2006. p. 166-179.
- VALPORTO, O. **Vôlei no Brasil: uma história de grandes manchetes**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. 155 p.
- VICENTE, J. et al. Análise comparativa entre o jogador líbero e os recebedores prioritários na organização ofensiva, a partir da recepção ao serviço, em voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 6, n. 3, p. 318-328, 2006.
- VLASTUIN, J.; ALMEIDA, B. S.; JÚNIOR, W. M. O *marketing* esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, p. 9-24, 2008.
- VÔLEI PRECISA DE INTERCÂMBIO. **Jornal Gazeta Esportiva**, São Paulo, 26 set. 1973.
- WESTPHAL, G. Historical development of volleyball especially in view of the rules. In: ANDRESEN, R.; KRÖGER, C. (Ed.). **Volleyball: training and tactics**. Ahrensburg bei Hamburg: Czwalina, 1990. p. 103-110.
- YIANNIS, L. et al. A comparative study of the Greek National Men's team with international top-ranked teams. **International Journal of Volleyball Research**, v. 7, n. 1, p. 4-9. 2004.

Contato

Cristino Julio Alves da Silva Matias
Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha
Belo Horizonte – MG – Brasil – CEP 31270-901
E-mail: crismatias@gmail.com

Tramitação

Recebido em 25 de maio de 2010
Aceito em 30 de agosto de 2011